

"Ações Diretas", semanário anarquista, diretor José Oiticica, Rio de Janeiro, 7 de Maio de 1946

1-5-1946

# MOVIMENTO ANARQUISTA

## Atuação anarquista nos sindicatos

*Solidaridad*, de Montevideu, órgão da *Federación Obrera Regional Uruguaya*, defendendo a atuação dos anarquistas nos sindicatos como poderoso meio de propaganda e preparação revolucionária, escreve: «Repetidas vezes temos sustentado que não devemos atribuir todo o mal causado às idéias e aos movimentos obreiros nelas inspirados, unicamente à reação dos Estados. Esse mal, pode-se apurar, provém ainda de não preocupação dos anarquistas ou libertários com as questões obreiras e agremiação do proletariado, dadas principalmente suas preferências aos grupos e organização especificamente anárquica. Atualmente, há países em que o mal prossegue em estado latente, não por causa de situações repressivas, senão por falta de atividades no terreno gremial e o nenhum interesse por criar um movimento obreiro anarquista».

Depois, referindo-se à situação mexicana continua:

«Pelo exposto, longe de nos negar que os companheiros mexicanos, que preferem a atuação nos grupos e ateneus, e se dedicam à consolidação de um movimento especificadamente anárquico, realizem labor eminentemente anarquista e trabalham afanosamente pela Revolução Social. Longe de nós tal propósito. O que pretendemos é sugerir que, se no México e demais países americanos chegasse a preponderar o objetivo imediato de criar um movimento obreiro de finalidade anarquista, se faria obra revolucionária mais vasta e profunda e lograríamos contar com muito mais possibilidades para que o anarquismo possua um poderoso movimento obreiro realmente afim e apto a opor-se, resolutamente, a todas as forças autoritárias de cima e de baixo».

A essas palavras, com que estamos, os do Brasil, de perfeito acordo, faz *Tierra y Libertad*, do México, o seguinte comentário que *Ação Direta* acha indispensável traduzir para conhecimento dos militantes brasileiros: «Estamos identificados com a necessidade da intervenção dos anarquistas no movimento operário, pelos mesmos motivos expostos pelos companheiros de *Solidaridad*. E como se referem a nós no precedente escrito, cumpre notificá-los de que existe, aqui no México, nenhuma Central Obreira afim. Todas elas são refúgio de viveedores e tipos que do liderismo fizeram profissão. Há-os como Henrique Rangel, ex-anarquista e atual secretário da Confederação Proletária Nacional, que pretende aparecer como sindicalista, quando seu afã não passa de, surpreendendo a boa fé de companheiros do exterior, ter seu apoio moral para ocupar a posição desfrutada para Lombardo Toledano, presidente da Continental reformista deste Continente. Pomos, assim, de sobreaviso a todos os companheiros e sindicatos afim para que estejam alerta se os convidarem a algum Congresso Continental que não seja patrocinado pela Associação Continental constituída e com sede na Argentina. Na sombra, prepara-se essa baixa manobra. A Confederação, patrocinada pelo renegado Rangel é tão digna de desaparecer como suas gêmeas existentes neste país».

Agradecemos a *Tierra y Libertad* a informação, porém, voltando à importantíssima sugestão de *Solidaridad*, o que mais nos impor-

taria conhecer é o seguinte: «Haverá ou não ambiente para a criação, no México e nos demais países americanos de Centrais Obreiras com tendência anárquica? E, se não há tal ambiente, quais os meios mais certos, em cada país, de o criar primeiro para depois organizar a Central?».

Isso é o que propomos acima de tudo, hoje em dia, ao exame detido dos anarquistas de toda a América. Temos de criar centrais do tipo C. N. T. em todos países americanos. Possuímos o modelo. Importa somente plantar, mudar no solo da América.

Ora, no Brasil, tínhamos antes de 1919, a poderosa Federação Operária Brasileira de tendência francamente anárquica. Havia sindicatos amarelos, porém poucos, fracos e sem eficiência.

Como se formou a Federação?

Quando me fiz anarquista em 1912, havia uns três pequenos sindicatos no Rio onde predominavam anarquistas. Esses sindicatos abrangiam uns três a quatro mil operários e sua movimentação reivindicadora era insignificante.

O grupo anarquista do Rio, em perfeito entendimento com o de S. Paulo e, mais tarde, de Porto Alegre e Pelotas, começou intensa propaganda. Os sindicatos estavam dominados por políticos famosos: Irineu Machado, Evaristo de Moraes, Nicanor do Nascimento e outros.

Tão intensa foi a campanha que rara noite não falávamos em algum sindicato.

Em 1918, quando estourou a greve de 18 de novembro, malograda com a traição do tenente de cavalaria Ajusto, o número dos sindicatos componentes da F. O. B. eleva-se a mais de trinta e acolhia o respeitável número, só no Rio, de 150,000.

A burguesia assustou-se. O chefe de polícia Aurelino Leal reagiu fortemente, mas nada conseguiu. Ao contrário quando nos safamos do cárcere e do processo em 1919, fundamos, com sede e tabuleta na Avenida Rio Branco, um diário anarquista *A voz do Povo*.

Em sete anos, pois, havíamos

criado, esborrachando, primeiro, todos os policos dos sindicatos, uma Central Obreira forte, mais forte ainda se considerarmos o movimento muito maior em S. Paulo.

Reforçando a opinião de *Solidaridad* afirmamos: «O Estado não pôde destruir nossa Federação. A união dos trabalhadores, com o método da *ação direta*, é realmente arma acima de qualquer estimação. A história minuciosa do movimento brasileiro de 1912 a 1919 o prova exuberantemente e mesmo depois, ainda sob o fascismo, após 1930».

Mas, perguntareis, porque desapareceu essa Federação? Como se desfez tão absolutamente?

A história é tristíssima e a mesmo ocorrida em vários países.

Em 1919, caiu no mundo a mais tremenda praga de todos os tempos, incomparavelmente mais daninha que a influenza espanhola: o *bolchevismo*, esse filho bastardo do socialismo, estalado, mascarado com o nome de *revolucionário*.

O bolchevismo russo, por ação nefasta, subreptícia, infamante de Trotsky, achou, no Rio de Janeiro, uma receptora condigna: Astrogildo Pereira. Este anarquista renegado iniciou em surdina, com aspições, parece, a chefe, a campanha desmoralizadora dos companheiros anarquistas nos sindicatos, de perfeito acordo com as diretrizes assinadas por Trotsky e publicadas no *Boletim Comunista* de França.

Os novos métodos foram seduzindo companheiros até dos mais eficientes. O que o Estado com sua polícia não pudera conseguir, a política ditatorial russa logrou rapidamente, de tal maneira que, ao despertarmos nós, anarquistas, em 1919, com a desorganização do nosso diário *A voz do Povo* sabotado por Astrogildo e os gráficos, estavam minados quase todos os sindicatos.

Todavia, nossa reação foi tremenda. Lutamos corpo a corpo e tínhamos certeza de vencer. Porém, o golpe quebrara a resistência daquela fortaleza que era a Federação.

Ora, Epitacio Pessoa, presiden-

te em 1919, inaugurou o fanfarronismo fascista. Consequência: revolução do primeiro 5 de julho. Arthur Bernardes quis seguir-lhe o exemplo de presidente autocrata Consequência: revolução do segundo 5 de julho, com reação violenta.

Nesse 1924, a polícia de Bernardes, cujo chefe, Geminiano Franca, ainda sofreu rudes golpes da Federação, embora enfraquecida, valendo-se do estado de sítio, atirou-se em cheio contra os anarquistas. Chamo a atenção de todos para o seguinte fato. Vitorioso Bernardes, voltando eu da prisão em 1925, apurei os nossos destroços: numerosos anarquistas enviados para Clevelândia (limites com a Venezuela) e, quasi todos, mortos; outros foragidos, outros encarcerados ou deportados; mas, dos comunistas, nem um só preso ou deportado.

Assim, quando, em fins de 1925, reiniciamos a luta, estávamos, por assim dizer, aniquilados. Todavia, não esmorecemos e reencetamos a tarefa de salvar os sindicatos.

Nossa obra foi eficiente; mas, a luta era desigual porque tínhamos contra nós, desfazendo nossa obra, a todo instante, com tenacidade mais digna de outros fins, o cupim daninho do bolchevismo russo.

Todavia ainda esse foi superado e fomos vencendo galhardamente quando Getúlio, com ares de liberal, chefe da *Aliança Liberal*, contra Washington Luiz, inaugura o Ministério do Trabalho e arvora o ministro Lindolfo Color em legislador fascista.

Empenhamo-nos em tremenda luta contra o fascismo ministerial. Lindolfo Color, em S. Paulo, ao querer falar aos trabalhadores, é extrepitosamente vaiado e a Federação Operária Brasileira decreta a não aceitação da *carteira profissional* e repele a lei sindical de Color.

Foi uma batalha memorável. O Estado perderia certamente a batalha. A Federação decreta greve geral contra as *carteiras*. A decisão fôra tomada em S. Paulo, onde pessoalmente lutei, ao lado de Lenenroth e outros camaradas, contra os bolchevistas que tentaram empolgar a assembleia. Os trabalhadores estavam todos conosco, menos a facção comunista.

E que sucedeu? Havendo perdido a partida durante a noite, os comunistas declararam, no dia seguinte, por todos os jornais que aceitavam as *carteiras* e aconselhavam seus adeptos a irem trabalhar.

De modo que, a experiência nos mostra que a luta principal há de ser, nos sindicatos, contra os partidos políticos mascarados de revolucionários. Todos eles, se os trabalhadores não lhes satisfazem as ambições, os traem com a mais objecta semcerimônia.

Posto assim o problema, voltei a ele no próximo número.

José Oiticica

Documentos para  
A sublevação Fran-  
gista e a Obra  
do Proletariado

por M

Prólogo.

O povo brasileiro forma a maioria da América desconhecendo menores detalhes, foi a chamada Guerra espanhola, como tantas vilhosas realizações política pelos trabalhadores espanhóis numa das heróicas e brilhantes histórias humanas.

Eu vou contar o tragédia e vou contar a vivi intensamente ao lado daquele povo de todas as inquietudes os momentos daquela luta inesquecível que a todos os a liberdade e a justiça.

Prometo sinceramente a verdade, sem pauxismos, sem espionagem, pois não quero ser cegos pelo fanatismo a um grupo de um só partido, todos os ta, lançando sobre os sectores as responsabilidades e das derrotas durante a guerra.

Na Espanha, não tido ou uma organização de um povo inteiro, defendia heroicamente, estava integrada em partidos e todas as

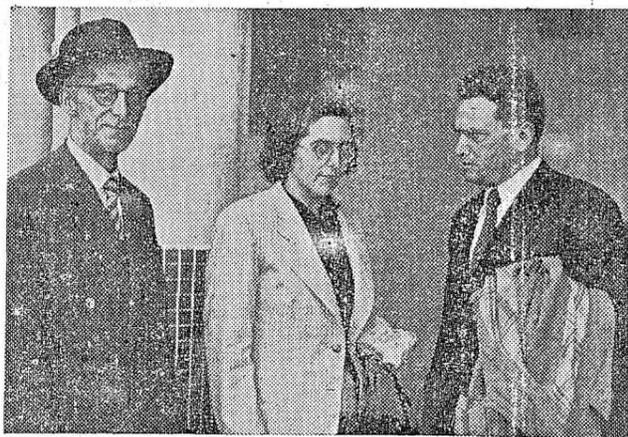
Vejam pois, o gar, qual foi a origem Civil Espanhola e lizada a invasão para depois expor pormenores, o que a *Obra Construtiva do Espanhol*, ou do verdadeiro socialismo na guerra.

A guerra mundial Espanha.

Contrariando a nacional que de iniciada a Guerra dia 4 de setembro consequência da lônia pelas hordas afirmo categoricamente começou na Espanha de Julho de 1936 traidor Francisco monde deu, em Tenerife, capital rias, o grito de *liberación, y arriba España*.

O chefe supremo seria o general morreu tragicamente de avião quando voava para Madrid dirigir o movimento, e mais tarde general Emilio num desastre de avião que Franco, que auxiliou de Sanjurjo à categoria de *Estado Espanhol* (Co

## Luci Fabri visita o Brasil



A conhecida anarquista italiana Luce Fabri, atualmente fixada no Uruguai e editora de *Studi sociali* esteve no Rio e, de passagem, em São Paulo.

Infelizmente seu estado de saúde obrigou-a a afastar-se do Rio e pouco esteve no nosso convívio.

A fotografia acima nos

mostra a querida Luce ao lado de Edgard Leuenroth (o de chapéu) e o companheiro italiano Bibi, ex-combatente em Espanha.

Luce a todos encantou com a sua sensibilidade feminina e admirou com seu pasmoso conhecimento dos problemas anárquicos em todo o mundo.

## NOS ARRAIAIS MOSCOV

DOS JORNALS:

NATAL, 25 de Abril — O líder comunista desta capital, Djalma Maranhão, foi expulso do partido, pelos dirigentes da seção local do P. C. B., em virtude da publicação que fez, na imprensa, de uma longa carta aberta, no qual denuncia aqueles dirigentes, que são os Srs. José Costa, Miguel Moreira e João

Anastácio, como "drões", acusando de causadores do partido, que mo mil cruzeiros.

A carta do Sr. I causou grande damente no seio dos comunistas daqui, os acusados apre